

A categoria ontológica do trabalho para compreender a pedagogia da alternância: uma análise sob a Educação do Campo em Alagoas/Brasil.

Manoel Valquer Oliveira Melo*

Resumo

Descrevemos aqui um recorte de uma experiência no Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo – PROCAMPO. Programa de âmbito federal e que está sendo desenvolvido na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL no Campus Arapiraca, desde o ano de 2011. A exposição do artigo versará sob a categoria ontológica do trabalho enquanto força motriz na sua relação com a *pedagogia da alternância*¹. A análise desta investigação se dará metodologicamente sob o olhar do observador participante, dentro do contexto escolar e comunitário através das experiências com as disciplinas: Introdução à Filosofia e Filosofia da Educação. O intuito foi correlacionar a postura dos discentes durante a alternância do tempo escola e o tempo comunidade frente à obrigatoriedade desse método pedagógico. De acordo com o objetivo geral: Analisaremos a categoria ontológica do trabalho sob a influência da pedagogia da alternância dentro da experiência com discentes do PROCAMPO/UNEAL. Os objetivos específicos espraiam na identificação dos sujeitos enquanto pesquisadores da sua própria história cotidiana; e com isto buscando caracterizar e fundamentar o aspecto ontológico da categoria do trabalho, como o método marxiano para compreender a lógica da pedagogia da alternância na atualidade.

Palavras chaves: *ontologia, trabalho, pedagogia da alternância e educação do campo.*

** Professor Substituto da Universidade Federal de Alagoas e da Universidade Estadual de Alagoas.

¹ Refere-se à alternância sob o ambiente do aprendizado educacional. E neste caso especificamente, se insere uma parcela do conhecimento é ministrada no ambiente da escola formal e a outra parte na comunidade associada ao educando.

Introdução

A diretriz norteadora dessa abordagem é analisar a *Pedagogia da Alternância* como viés para compreender o momento atual da política da Educação do Campo no Brasil, tendo como recorte na experiência como educador do PROCAMPO em Alagoas. Correlacionando esta modalidade de ensino através da perspectiva ontológica do trabalho. A aplicação da combinação entre o trabalho produtivo e a instrução, já se tornou emblemático e referenciando como um instrumento dos mais poderosos para emancipar e transformar a classe trabalhadora em sua totalidade objetiva. Podemos constatar esta identificação na crítica de alguns elementos teóricos encontrados na obra Marx².

Na contextualização sócio-histórica de tal modalidade no âmbito da educação, Ribeiro (2008)³ destaca dentro da sua abordagem, ao perceber que este modelo, já fora um dia testado e experienciado desde o início do século passado na Europa. E posteriormente, no Brasil através de um movimento religioso católico de origem francesa. Inclusive nos aponta uma experiência deste porte no Estado de Alagoas no município do de Arapiraca em 1981, com a criação de uma das Casas de Famílias Rurais – CFR; com o intuito de ordenar a instrução simultânea entre a prática e a teoria, sobretudo com a ideia que o educar inicia-se em casa.

No artigo Ribeiro (2008) aponta que a pedagogia citada foi uma alternativa encontrada tanto na Europa como no Brasil, para tentar equacionar as disparidades entre o trabalho como força reprodutora da sociedade frente à desumanização provocada pelo capitalismo, e que por outro lado, a ação dos movimentos católicos procurava se antecipar ao crescente movimento do comunismo ateu no século XX e que era somada a disseminação de novas teorias ideológicas.

Após observamos a importância da ontologia marxista na produção do conhecimento, e o seu reconhecimento dentro das mudanças em relação ao trabalho, pesquisa e educação. Nesse sentido, nos faz lembrar que esta

² Manuscritos Econômicos Filosóficos; Crítica ao programa de Gotha e A Ideologia Alemã, etc.

³ Artigo intitulado “Pedagogia da alternância rural/do campo: projetos em disputas. Educação e Pesquisa”.

relação da alternância da escola-trabalho e vice-versa, já aparece em algumas das obras de Marx; nos estudos sobre o Capital; sobre a escola politécnica e na integração da educação com a produção material, Marx (2008). Com base na coexistência histórica e teórica, a categoria do trabalho será desenvolvida a partir desses critérios ontológicos.

O objetivo principal é sistematizar um conhecimento relevante sobre as questões do marxismo na atualidade e sua possibilidade de abrangência com a educação do campo em análise.

A motivação pessoal que nos fez elaborar esse artigo, foi descrever a necessidade de se pensar sobre a importância da ontologia marxista enquanto Método da pesquisa, de acordo com a sugestão encontrada no texto do Professor Sergio Lessa (1999), intitulado *“Lukács, Ontologia e Método: Em busca de um (a) pesquisador (a) interessado (a)”*. A inserção do cotidiano deste sujeito que é ao mesmo tempo o pesquisador e o pesquisado, o que nos remete a pensar sobre os antagonismos incongruentes, existentes na produção do conhecimento frente à atualidade e capacidade de metamorfose do capitalismo.

Trata-se que neste momento de crise das ciências, o rompimento com a concepção tradicional da técnica da pesquisa, de qualquer forma, acrescenta a compreensão que a categoria do trabalho é um princípio educativo, no sentido que possibilita a transformação e o enfrentamento radical da realidade concreta antagônica do próprio capital. Acerca desta contradição intrínseca entre o capital-trabalho e dentro desde *status quo* jaz estabelecido. Observa-se constando como esta dinâmica avassaladora acaba se adequando as suas próprias necessidades momentâneas. Parafraseando a ontologia marxiana *“O trabalho útil só é possível na sociedade e por meio da sociedade...Agora ficamos sabendo, ao contrário, que nenhum trabalho “útil é possível sem sociedade”* (MARX, 2012, p.24).

Vale salientar, que a centralidade do trabalho na discussão busca estabelecer uma reflexão epistemológica sobre a teoria de Marx como objeto de pesquisa. Síntese de uma relação de forças que reaparece a cada momento com suas contradições.

Nesta análise há uma realidade idiossincrática já discutida por Marx e Engels no Manifesto do partido comunista, onde: *“A burguesia submeteu o campo*

à cidade. Criou grandes centros urbanos; aumentou prodigiosamente a população das cidades em relação à dos campos e, com isso, arrancou uma grande parte da população do embrutecimento da vida rural” (Marx; Engels, 2008:05). Desse modo, há de um lado a cultura do pensar urbanocêntrica disposta historicamente a se consolidar, e que de outro lado, não se pode negar que há outra cultura, quase invisível de um espécime de não lugar, que se apresenta como campo ou rural, um lugar de disputas e de identidades. E que luta para resgatar a perda de sua legitimidade ontológica.

É a partir da análise da autoeducação como estratégia intencional de formação do trabalhador, na inter-relação e intercâmbio com seu cotidiano. Ou seja, a pedagogia da alternância talvez nos possibilite tornar pensável uma aproximação do real ou da totalidade possível desta autoeducação. Nesse artigo o materialismo busca alcançar estratégias para a emancipação desse sujeito propondo a partir da concepção ontológica marxiana, como uma mudança de paradigma para o *desenvolvimento* em sentido *lato* da Educação do Campo e suas pesquisas.

1.0 - O reconhecimento da ontologia marxista para compreender a sociabilidade da Educação do Campo em Alagoas.

1.1 - um espaço da Educação do Campo em Alagoas

É preciso, antes de tudo, registrar os avanços permitidos a partir de intermediações políticas entre as consideradas camadas ditas populares da sociedade. Visto à luz do desenvolvimento humano e no terreno da sociedade de classes, os Movimentos sociais como o MST têm se mostrado como uma importante referência na ampliação do debate sobre o espaço rural e a suas correlações com a educação do campo.

No que se referem à mobilização social, suas ações tem proporcionado na abertura política para a criação de novas institucionalidades. Atualmente acerca da temática da educação do campo em Alagoas, têm-se, a saber: Câmaras temáticas, Encontros, um curso de Licenciatura na Universidade Estadual de Alagoas e uma pós-graduação já concluída na Universidade Federal de Alagoas, dentre outros.

A nosso ver, se estabelece a criação de um ambiente político favorável, que é revestido politicamente pelos interesses da coletividade, cujo objetivo particular é em transformar as condições de desigualdades que se encontram a população do campo enquanto os expropriados, despossuídos e com altas taxas de vulnerabilidades sociais como o sujeito de direito.

No âmbito da educação, a *pedagogia da alternância* é considerada como metodologia estratégica para o planejamento educacional e o desenvolvimento dos territórios rurais em diversas ordens. Um Direito que não foi somente adquirido, mas reconquistado, justamente pelos movimentos sociais das camadas mais populares.

Ocorre que no Brasil as instituições avançam, porém ainda permanecem os seus avanços desconhecidos e ausentes da maioria da população brasileira. No caso da educação do campo, ainda continua sendo pouco confrontada e disseminada nas diversas esferas das políticas públicas. Acontece que algumas mudanças são facilmente apenas reproduzidas socialmente frente às novas necessidades e nossas possibilidades, ou seja, não há uma efetivação da transformação ontológica para exercer o enfrentamento a esta contradição ideológica, que foi imposta pela economia política na condição da exploração da mão-de-obra no campo.

Contraditoriamente Alagoas é um estado que possui um extenso território rural, aonde poucos são os detentores das forças produtivas e não há diversificação em sua produção. Principalmente com o monocultivo da cana de açúcar. O trabalho nessa Região vem de antecedentes perversos – o da escravidão. O valor do trabalho se manifesta por vários aspectos, é calculado pela sua reprodução material e nunca pelo valor da pessoa humana, ou seja, ainda continua sendo um subemprego devido às condições materiais e psicossocial dos trabalhadores.

No modelo econômico na qual se insere sobre a força do trabalho citado, este trabalhador rural é considerado como sendo uma mão-de-obra não qualificada e de menor custo para o empregador. Segundo os aspectos dessa carência e da exploração dos trabalhadores da cana-de-açúcar, sinalizamos com o pensamento crítico relacionado a esta expropriação do humano que vende a sua força de trabalho:

Entretanto, na condição crescente da sociedade, a decadência e o empobrecimento do trabalhador é o produto do seu próprio trabalho e da riqueza produzida por ele. Conseqüentemente, a miséria surge de forma espontânea da *essência* do trabalho presente (MARX; 2006: 71).

É de notar que alguns problemas persistiram ou se complexificaram com o tempo e o espaço da educação do campo e que vem sendo sufocada frente às atuais demandas. Fizemos uma tabela para analisarmos a identificação do sujeito com o sua vida cotidiana e para iniciarmos uma leitura territorial do campo e da cidade.

Quadro 1 - A relação dos discentes com o campo e a cidade

COMUNIDADE /CAMPO	MUNICÍPIO/CIDADE
POVOADO IMBURI/ POVOADO GULAMDIM	TEOTÔNIO VILELA
BARRO VERMELHO/ SÍTIO SÃO CRISTOVÃO/ POVOADO LAGOINHA/ CANAFÍSTULA DO CIPRIANO e CRAIBAS DOS FERROS.	GIRAU DO PONCIANO
	COITÉ DO NÓIA
	ARAPIRACA
	IGACI
	MARIBONDO
	JUNQUEIRO
	SÃO MIGUEL DOS CAMPOS
	FEIRA GRANDE
	JARAMATAIA
	PALMEIRA DOS ÍNDIOS

Manifestando a primeira análise da problemática levantada. Percebe-se no **quadro 1** que existe um maior número de alunos (as) advindos da zona urbana, e isso reforça a dominação da cidade sobre o campo, confirmando o que havíamos afirmado anteriormente a partir da análise marxiana. Após nossa divisão para reconhecer os sujeitos inseridos na experiência, fizemos uma leitura participativa sobre os lugares da alternância do tempo – comunidade.

Quadro 2 – Temas discursivos apontados durante a pedagogia da alternância nas comunidades estudadas.

POTENCIALIDADES	PROBLEMAS E CONFLITOS
Água encanada, rio, cisternas, cacimbas, poço e carros de bois e carroças de burro para o transporte da água;	O ínfimo abastecimento para algumas comunidades

Casas aconchegantes;	Moradias precárias
Energia elétrica;	-
Escolas de ensino básico e superior;	Escolas precárias, a falta de creches, bem como a obrigatoriedade do deslocamento para adquirir o aprendizado escolar.
Transportes para acessibilidade dos moradores, o carro de mão como veículo para transportar o lixo.	Falta de estradas asfálticas
As famílias e a união existente nas suas comunidades;	Famílias carentes e desestruturadas
As associações comunitárias; o MTC	A falta de um líder e de cooperativas
A agricultura para o plantio, o cultivo e o complemento da renda familiar.	Trabalhadores convivendo em terras arrendadas
Terra fértil que tranquiliza os agricultores para a lavoura, inclusive os que são considerados de baixa renda.	O êxodo rural
A informatização e o acesso à internet	O acesso à telefonia
O posto médico	A sua ausência de atendimento para alguns moradores
Os projetos? Quais? As parcerias?	A falta de políticas públicas
As raízes culturais, a identidade do homem do campo.	Grupos culturais desativados
O Amor e a hospitalidade entre as pessoas	As divergências sobre o pensamento do Outro
Profissionais capacitados, professores e alunos, agentes de transformação social.	Jovens e grupo sem oportunidades e sem nenhuma formação
A Cana de açúcar	
A natureza (o meio ambiente), o ar puro a tranquilidade.	Falta de áreas de lazer no campo
A igreja	
A esperança, o espírito de luta e a autoestima das pessoas.	A falta de conscientização dos sujeitos frente ao cotidiano, o voto.
O trabalho do homem e da mulher do campo	O preconceito histórico

Durante a nossa análise evidencia-se que devido à ausência de uma política de infraestrutura básica para suprir as carências das escolas do campo, há incessante busca por uma reprodução social do modelo dominante vigente. Na edição popular sobre a Ideologia Alemã é possível destacar quando Marx e Engels (2009) fazem a contraposição entre a separação entre a cidade e o campo. *“A maior divisão do trabalho material e espiritual é a separação da cidade e do campo... e estende-se através de toda história da civilização até os nossos dias”* (ENGELS; MARX, 2009, p. 74 e 75).

Segundo análise do nosso quadro uma das possíveis causalidades que se objetivam se dá através da *cornubação*⁴ desenfreada entre o rural e o urbano. A terceira causa é a evasão do alunado por razões diversas e a quinta talvez a mais importante, é a desarticulação desse sujeito com o seu lugar da existência. Este não se reconhece como tal, a sua formação educativa é direcionada para a reprodução do mesmo, em atuar como cidadão que irá abandonar o campo em razão da cidade. A perda da sua legitimidade como homem do campo não é reconhecida como deveria ser.

Cada lugar é também objeto de uma razão global, mesmo que existam existências, intencionalidades e identidades. O mundo está no lugar e o lugar está no mundo, que numa abordagem sistêmica e atual, o mundo é o próprio lugar. Entretanto o sujeito não se reconhece muitas vezes como pertencente a tal. E este parece ser o nosso grande desafio para a questão de repensar sobre a atualidade da ontologia marxista do ponto de vista metodológico. Recorreremos essencialmente à citação do texto do Lessa em relação ao filósofo Lukács que desenvolveu a tese de que:

... a historicidade do ser é o fundamento último da sua exigência metodológica...Imprescindível, apenas, é apontar que, para ele, a totalidade é complexa porque histórica. A explicitação categorial de toda e qualquer totalidade se dá no sentido da gênese e desenvolvimento de categorias mediadoras que tornam cada vez mais heterogênea a sua estrutura originária, às vezes por meio de rupturas ontológicas (passagem do ser inorgânico à vida e, posteriormente, na gênese do ser social) LESSA, 1999, p. 06).

Retomando a perspectiva ontológica marxiana, não há sociedade sem trabalho, este, se insere como categoria fundante para a reprodução social entre os indivíduos. Podendo ser objetivada na prática, através das formações sociais, das transformações dos lugares e suas paisagens. O que essa ação humana provoca nos indivíduos muitas vezes é estranho e está fora de sua consciência.

⁴ Designa uma extensa área urbana surgida do encontro ou junção da área urbana de duas ou mais cidades. Seus limites geográficos se perdem em virtude do seu crescimento horizontal.

Para exemplificar, a lógica perversa que tem acompanhado a dinâmica da *alienação do espaço do homem* no contexto geográfico, o fator econômico, se sobrepõe aos outros contextos. Em relação a essa concepção urbanocêntrica, *não temos senão a aparência do real*. Por isso, não seria possível abarcar a totalidade, enquanto ela é mais que a soma das partes.

Como diriam autores defensores da ontologia marxista enquanto método, nesse momento predominante o real é independente do que eu desejo e nos alerta para a necessidade de procurarmos dissociar alguns termos que nos parecem normais, mas que de fato, são de uma natureza posta e são bem distintos da realidade primeira. Sob esta visão a teoria só se realiza enquanto prática na medida em que a realização se transforma em necessidades. Nesta relação, a saber, que:

Todo ato de trabalho, portanto, dá origem a uma nova situação, tanto objetiva quanto subjetiva. Essa nova situação possibilitará aos indivíduos novas prévias-ideações, novos projetos e, desse modo, novos atos de trabalho, os quais, modificando a realidade, darão origem a novas situações, e assim por diante (LESSA; TONET, 2011, p.22).

Vale observar, que atualmente com a crise dos modelos tradicionais de ensino, o tema da pedagogia da alternância tem estado na pauta do dia. Com isso, a modalidade educacional que tenta associar o trabalho e a educação no Brasil, tem se mostrado em processo de expansão paulatina, embora se entenda que o seu objetivo central também se apresente de forma antagônica e paradoxal, já que no momento estamos em meio a uma crise de interesses geopolíticos voltados para a conservação da lógica do capital.

Entretanto, no mundo objetivo a própria atividade do trabalho Marx (2004), se apresenta no sentido da superação e da reconquista da perda do seu sentido ontológico primordial.

Com os novos olhares que recobre sobre o conceito do método ontológico, estudos estão cada vez mais voltados para aperfeiçoar a capacidade de avançar na investigação científica. O que possibilita a ideia da descoberta da produção do conhecimento tendo por base as suas condições ontológicas. O que determina na nossa investigação é algo a ser

desenvolvimento diante da própria necessidade que se articula aos elementos aqui dispostos. Desse modo:

Com base na descoberta de elementos simples, a consciência pode construir hipóteses cada vez mais complexas que deverão ser, cada uma delas, investigadas diretamente no objeto em questão. Esse procedimento por sua vez, levará à descoberta de novas informações parciais acerca do objeto em estudo, possibilitando à subjetividade novas hipóteses, tendencialmente mais avançadas no sentido da captura do em-si do objeto (LESSA, 1999, p.17).

É nesta perspectiva que os enfoques propostos podem contextualizar a educação do campo dentro de uma leitura específica, sobre o que é na prática a pedagogia da alternância e sua relação com a ontologia dentro do viés do método marxista.

Considerações Finais

Grosso modo, diríamos que a partir das bases materiais na qual os atores sociais estão inseridos é possível fazer uma diagnose inicial dos problemas locais e tentar desobstruir os meios que os impedem para o seu desenvolvimento. Por isso a pedagogia da alternância pode ser a mediadora e transmissora de teorias relacionadas às práticas que elevem o protagonismo e emancipação dos atores sociais aqui estudados. A ideia da alternância perpassa em mudar as regras jogo para promover o empoderamento dos sujeitos com o seu cotidiano local.

Ainda que o trabalho seja a categoria fundamental aonde os indivíduos se transformam ontologicamente como seres sociais. E que desde sempre, se diz que os indivíduos procuram se adaptar às novas necessidades e exigências que surgem teleologicamente pela causalidade do próprio processo dialético do trabalho, que é inerente dele, ou seja, o homem transforma a natureza e acaba se transformando continuamente, criando novas possibilidades e novas demandas nos respectivos espaços sociais. E isto nos possibilitar reconhecer a ontologia marxista para compreender um recorte de uma experiência localizada

Sem querer romantizar a nossa análise já havíamos mencionado sobre algumas considerações sobre a economia e sua importância para a pedagogia

aqui citada. Não poderíamos deixar de expressar uma crítica sobre a antiga economia política, que se metamorfoseia e se faz de fundamental para entender o modo que esta tenta se perpetuar ainda no momento presente em todas as suas formas possíveis.

Referências

- LESSA, Sergio. Lukács, Ontologia e Método: Em Busca de Um (a) Pesquisador (a) Interessado (a). Rio de Janeiro, 1999.
- LESSA, Sergio, TONET, Ivo. Introdução à filosofia de Marx. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- MARX, Karl. Manuscritos Econômicos Filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2004.
- . Crítica ao programa de Gotha. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, K. & ENGELS, F. A Ideologia Alemã. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- . Manifesto do Partido Comunista. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular: 2008.
- RIBEIRO, Marlene. Pedagogia da alternância rural/do campo: projetos em disputas. Educação e Pesquisa, Vol. 34, Núm. 1, enero-abril. USP: São Paulo, 2008.